



VIOLÊNCIA CONTRA O DOCENTE EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DA PEQUENA CIDADE DE LEÓPOLIS, NORTE DO PARANÁ

VIOLENCE AGAINST TEACHERS IN THE STATE SCHOOL OF ELEMENTARY SCHOOL IN SMALL TOWN OF LEÓPOLIS, NORTH OF PARANÁ

Pedro Henrique Carnevalli Fernandes – UENP – Paraná – Brasil
pedrofernandes@uenp.edu.br

Patrícia Aparecida Albini Prado – UENP – Paraná – Brasil
patricia.albine@gmail.com

RESUMO

A violência tem encontrado terra fértil para se disseminar na sociedade brasileira tornando-se presente na realidade local e assumindo tipologias e formas diferentes. Assim, tem-se uma diferente mensuração da violência, inclusive no que tangencia o ambiente escolar. Além disso, os diversos tipos de violência ocorrem em diferentes contextos, âmbitos e escalas. No caso das pequenas cidades, os dados mostram-se mais preocupantes pela questão demográfica, pela pessoalização e pela sociabilidade. Este artigo aborda a violência no contexto escolar, especialmente contra o docente. O objetivo principal é compreender a violência no ambiente escolar de uma escola estadual de ensino fundamental a partir da percepção dos docentes, na pequena cidade de Leópolis, localizada no Norte Pioneiro do Estado do Paraná. A metodologia utilizada foi baseada em levantamento bibliográfico, levantamento de dados secundários acerca do município e da escola e aplicação de questionário nos docentes da escola. Os resultados sinalizaram que os docentes sofrem, diariamente, com a violência no ambiente escolar e que isso tem gerado síndromes e influenciado na saúde deles, causando desânimo, pânico, depressão e até mesmo a desistência da profissão. Observou-se que as escolas de pequenas cidades como espaços seguros têm se tornado uma realidade cada vez mais nostálgica.

Palavras chave: Geografia da Violência; Educação; Professor; Pequena Cidade;

ABSTRACT

Violence has found fertile land to spread in Brazilian society, becoming present in the local reality and assuming different types and forms. Thus, there is a different measurement of violence, including with regard to the school environment. In addition, the different types of violence occur in different contexts, areas and scales. In the case of small towns, the data are more worrying due to the demographic issue, personalization and sociability. This paper addresses violence in the school context, especially against teachers. Therefore, the main objective is to understand the violence in the school environment of a state elementary school, from the teachers' perception, in the small town of Leópolis, located in the Pioneer North of the Paraná State. The methodology used on a bibliographic survey, survey of secondary data about the county and the school and application of a questionnaire to the teachers of school. The results signaled that teachers suffer daily from violence in the school environment and that this has generated syndromes and influenced their health, causing discouragement, panic, depression and even the abandonment of the profession.

Therefore, it observed that schools of the small town, as safe spaces have become an increasingly nostalgic reality.

Keywords: Violence Geography; Education; Teachers; Small towns;

Introdução

O fenômeno da violência presente na sociedade contemporânea vem sendo associado aos diferentes espaços, inclusive ao ambiente escolar. Por isso, a violência se configura como uma preocupação para os educadores e para os educandos. Entre as diferentes formas de entender o fenômeno está a percepção dele a partir dos docentes, agentes fundamentais na valorização da escola como instituição realizadora do direito à educação e a paz.

A escolha da discussão sobre o fenômeno da violência é reflexo da ampliação do número de fatos divulgados pela mídia somado ao baixo alcance desse tema em produções acadêmicas. Além disso, a compreensão desse fenômeno em escolas de pequenas cidades é extremamente raro e, portanto, espera-se com este artigo colocar luz em uma realidade negligenciada pela mídia, pela sociedade e pela academia. Fernandes (2017) inclusive, comprovou em sua tese a existência da violência e da insegurança objetiva em pequenas cidades a partir de diferentes fatores explicativos.

É cada vez mais recorrente em todos os espaços ler e ouvir comentários de pessoas que já foram vítimas de violência ou já presenciaram algum crime. Igualmente, cada vez mais, é possível perceber a ampliação do sentimento de medo e de insegurança na sociedade. Essa realidade alcançou o ambiente escolar, já que ele compõe a sociedade. Por isso, a violência na escola já é um fenômeno altamente preocupante, devendo ser discutido por pais, professores e comunidade do entorno da escola. Acredita-se que é por meio da educação e valorização do espaço público que se conseguirá combater a violência e a insegurança nas escolas.

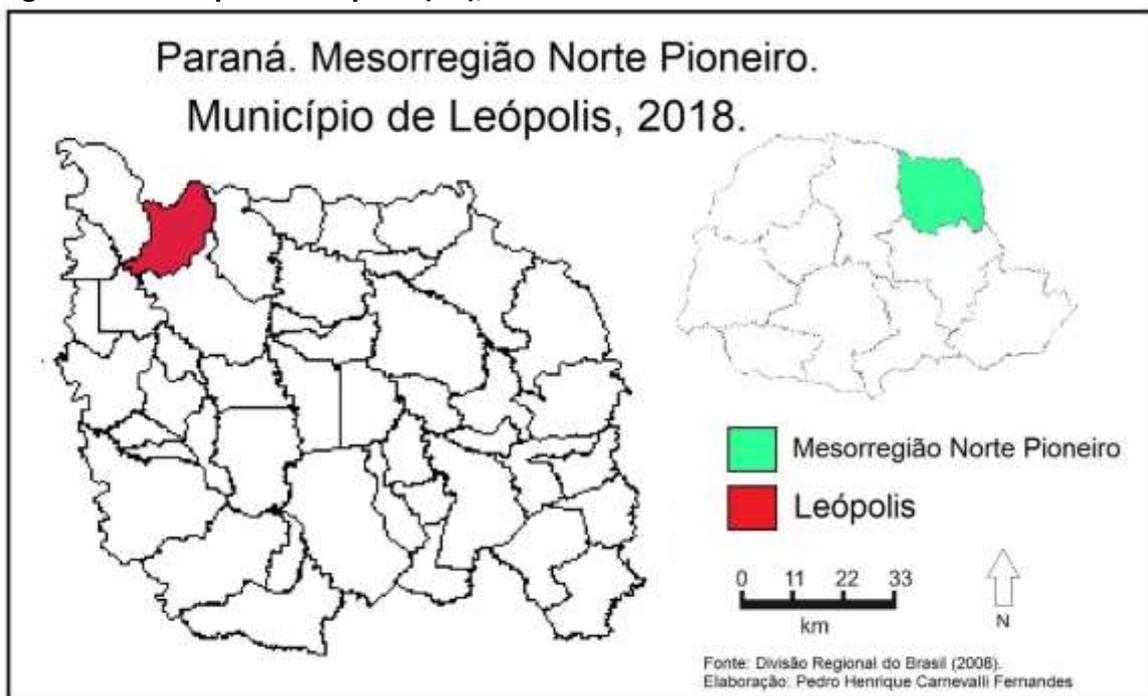
Assim, o objetivo principal deste artigo é compreender a violência no ambiente escolar em uma escola estadual de ensino fundamental a partir da percepção dos docentes no município de Leópolis, no Norte Pioneiro do Estado do Paraná. Então, neste artigo realiza-se um diagnóstico da problemática da violência no ambiente escolar com a

intenção de colaborar para o aprofundamento da compreensão de um fenômeno, aparentemente, frequente nas escolas estaduais paranaenses. Há a partir das notícias divulgadas nas mídias sociais e dos relatos cotidianos locais um aumento expressivo de ocorrências relacionadas às agressões físicas e verbais dos alunos entre si e com os professores. Dessa percepção, surgiu esta pesquisa.

Os objetivos específicos deste artigo são: i) apresentar o contexto histórico, social e político de consolidação do município de Leópolis e seu contexto atual, especialmente quanto aos indicadores de educação; ii) discorrer, teoricamente, sobre a violência, a insegurança e a violência no ambiente escolar; (iii) transitar, empiricamente, pela violência contra o docente, identificando as violências que eles mais enfrentam; e, iv) verificar as consequências da violência enfrentada pelos professores na escola, especialmente quanto aos afastamentos ou aos problemas de saúde.

O recorte espacial da pesquisa está localizado em Leópolis, uma pequena cidade do Norte Pioneiro paranaense (Figura 1), que, segundo o IBGE (2010), possui 4.145 habitantes e área territorial de 344 quilômetros quadrados.

Figura 1- Município de Leópolis (PR), 2018



Elaboração: Pedro Henrique Carnevalli Fernandes, 2018

Conforme o Ipardes (2017), as proporções de crianças e adolescentes nas escolas apresentaram patamares diferentes para 2010: enquanto todas as crianças de cinco a seis anos estavam nas escolas, 3% das crianças de 11 a 13 anos estavam fora delas. A proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo era de 61%, em 2010, e a de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo era de 55% (IPARDES, 2017). Por fim, a taxa de analfabetismo (pessoas maiores de 15 anos que declararam não serem capazes de ler e escrever um bilhete simples ou que apenas assinam o próprio nome, incluindo as que aprenderam a ler e escrever, mas esqueceram, segundo o IBGE), é de quase 12% em Leópolis, sendo que entre as pessoas mais velhas, o patamar sobe para quase 26% (IPARDES, 2017).

Este artigo é estruturado da seguinte forma, além dessa introdução, das considerações finais e das referências: (i) materiais e métodos; (ii) debate teórico-metodológico sobre violência no ambiente escolar; e, (iii) reflexões a partir dos resultados alcançados com a aplicação do questionário nos docentes da escola estadual pesquisada.

Materiais e métodos

Os procedimentos metodológicos utilizados na construção deste artigo são: levantamento bibliográfico acerca dos temas da violência e da violência no ambiente escolar; levantamento de dados secundários sobre o município de Leópolis e sobre a escola pesquisada; pesquisa de campo por meio de aplicação de questionário nos docentes da escola pesquisada; e, por fim, elaboração de produtos cartográficos e da redação final deste artigo.

É fundamental pontuar que para efeito de segurança não é apresentado o nome da escola pesquisada, nem dos docentes respondentes. A participação dos docentes da escola de ensino fundamental pesquisada, por meio do preenchimento do questionário e do fornecimento dos dados solicitados, foi maciça e significativa. No total, todos os 25 docentes atuantes na escola pesquisada responderam o questionário, portanto, 100%

da amostra. Essa participação, sem colocar nenhum obstáculo, comprovou a relevância do tema e o interesse do docente em falar sobre isso.

Quanto ao perfil dos respondentes da escola estadual de ensino fundamental na pequena cidade de Leópolis: 16% dos docentes tinham entre 18-29 anos, 20% possuíam entre 30-39 anos, 36% dos docentes estavam com idade entre 40-49 anos, 24% tinham entre 50-59 anos e 4% dos docentes possuíam 60 anos ou mais. Houve um predomínio de mulheres, com 68% dos docentes da escola. Sobre o local de moradia, 76% dos docentes residiam em Leópolis e 24% morava em Cornélio Procópio, município vizinho a 23 quilômetros de distância e sede do Núcleo Regional de Ensino (NRE), que é a gestão regional da educação utilizada pelo Governo do Paraná.

Essa proporção de docentes residentes em outra cidade tem explicação no regime de trabalho: entre os docentes da escola de ensino fundamental estudada, 52% atuavam em regime de trabalho “concursado” enquanto 48% eram atuantes por “contrato de trabalho” mediante aprovação em “Processo Seletivo Simplificado” (PSS) promovido pelo Governo do Estado do Paraná. Assim, quase metade dos docentes vivia uma realidade mais distante a comunidade local.

Ainda dentro do perfil, é fundamental destacar os dados de tempo de atuação na profissão, independentemente do tempo de trabalho na escola de ensino fundamental de Leópolis, dos docentes respondentes. Os dados revelaram que 12% estavam a menos de um ano lecionando (todos como PSS), 28% atuam entre dois e cinco anos (todos como PSS), 20% trabalham como docente de seis a dez anos (a maioria como concursado) e 40% há 11 anos ou mais (todos como concursados). É fundamental destacar que o último concurso público para docente no Estado do Paraná ocorreu em 2013.

Ambiente escolar e violência na escola

Atualmente, o fenômeno da violência no meio escolar vem sendo discutido em diversos lugares por tratar-se de um assunto que ocupa, frequentemente, os jornais e as mídias sociais. Assim, não restam dúvidas que se tornou um tema de debate público

(LOPES, 2008). Logo, a “violência é, na atualidade, mais um componente do espaço escolar e contribui efetivamente para a configuração de uma ‘paisagem’ marcada por sentimento de insegurança e desconfiança no outro” (LOPES, 2008, p. 36).

Afinal, do que se fala quando se refere à violência no ambiente escolar? Agressões verbais e físicas, furtos, roubos, indisciplina, incivilidades, violência contra o patrimônio público, discriminação, humilhação, desrespeito... a lista parece interminável (LOPES, 2008). Pode-se incluir nessa lista, o *bullying*.

Segundo Silva (2010), o papel do professor é importante para a eficácia do processo de ensino-aprendizagem do aluno. Por isso, a violência contra ele prejudica, diretamente, nesse processo. Logo, se no passado, a profissão do professor era nobre, atualmente, não se ensina que o professor deve ser respeitado, transformando-o em alvo de diversos tipos de violência – física, verbal, moral e/ou psicológica (SILVA, 2010).

Soares (2013, p. 2) pontua que a partir dos anos 2000 “a violência contra o docente por parte do aluno e de pais de alunos vem tomando destaque na mídia”. Corroborando com isso, Soares e Machado (2014, p. 334), alegam que “no âmbito da escola, estampam-se cada vez mais nos jornais notícias sobre casos de agressões sofridas por professores e alunos”. O resultado dessa situação é um clima de insegurança que acomete a todos os agente do espaço escolar:

O aumento dos índices de violência contra discentes e docentes no ambiente escolar vem municiando os noticiários de maneira aterradora. [...] Esta modalidade de agressão contra o docente resulta em comprometimento da sua saúde emocional, da qualidade das relações humanas, prejuízo da construção da cidadania e do processo educacional (COSTA, 2013, p. 94).

Aprofundando o assunto, Soares e Machado (2013) destacam que a violência contra o docente é tomada como objeto de “representação social”, uma vez que mexe com o cotidiano e a intimidade das pessoas. Isso, por conseguinte, gera uma série de problema e, inclusive, faz com que o professor trabalhe coagido e até com medo. Logo, são constantemente ameaçados por alunos que se mostram revoltados e desinteressados em aprender (SODRÉ, 2012). Não é incomum a percepção da formação de grupos que exercem poder em escolas públicas. Segundo Sodré (2012, p. 322), “o

domínio destas gangues está explícito na forma como eles manuseiam e portam armas e drogas, ameaçando alunos e professores, roubando e matando”.

Diante dessa contextualização e da consideração de que a violência é ampla e o fenômeno está presente em diversos espaços da sociedade, é preciso avançar quanto à violência no ambiente escolar, sobretudo contra o docente.

A intensificação dos conflitos, próprios dessa relação, acaba por gerar uma espécie de ‘guerra’ não declarada, onde tem-se apenas perdedores: os professores, pelo estresse físico e psíquico a que estão submetidos, e os alunos, por terem à sua frente mais um obstáculo na produção de seu conhecimento, imprescindível para o exercício da cidadania. A escola, que chegou a ser chamada de ‘segundo lar’ ou apêndice de casa, aparece hoje, na visão de alguns, como ‘local perigoso’ (LOPES; GASPARIN, 2003, p. 295).

No caso específico dos docentes, a violência contra eles vem sendo protagonizada por alunos e é reflexo da impunidade que impera na sociedade (SILVA, 2010). Assim, os professores sentem-se incapazes e acabam por não buscar seus direitos, já que na maioria das vezes não encontra apoio nas próprias instituições que trabalham e nos órgãos públicos de educação e segurança. Logo, há um conformismo diante das manifestações frequentes de violência: “os professores evidenciaram impotência mediante os casos enfrentados nas escolas, especialmente perante os episódios em que eles estão no papel de vítima” (SOARES, 2013, p. 21).

Diante disso, conforme Silva (2010), diversos fatores fazem com que o professor não se manifestem contra as violências enfrentadas: a falta de informação, a divulgação dos seus direitos, a falta de apoio de algumas instituições e do Poder Público, etc. Logo, a sociedade deve valorizar a profissão do educador e apoiar os professores quando eles se sentirem agredidos durante o exercício de suas funções (SILVA, 2010).

Para Levandoski, Ogg e Cardoso (2011, p. 375), “muitas vezes os docentes preferem tolerar as situações de violências sabendo que por vezes podem ser interpretados de maneira errada por diretores e equipe pedagógica da escola”. Como consequência disso, os autores falam que isso acaba gerando situações de tensão, estresse e insatisfação com a profissão.

A presença mais intensa da violência, no cotidiano da escola, tem aumentado a complexidade da relação professor-aluno e tornado mais agudos os conflitos próprios da relação. As dificuldades em gerir esses conflitos revelam uma certa “crise” da relação e apontam que os padrões tradicionalmente aceitos já não dão conta de regular essa relação, estando esta sem sustentação na sociedade (LOPES; GASPARIN, 2003, p. 296).

Como consequência disso, segundo Abramovay e Rua (2002), a violência no meio escolar contribui para uma diminuição da qualidade do ensino, acarretando em prejuízos aos próprios alunos. Com isso, transforma a relação professor-aluno em algo conflituoso, prejudicando o processo ensino-aprendizagem, o desenvolvimento das aulas e o projeto pedagógico.

Lopes (2001) defende que, na atualidade, a violência que se instala no interior da escola surpreende por suas múltiplas e diversificadas manifestações. Então, é fundamental destacar a leitura de Charlot (2002) sobre essa multiplicidade de interpretação: (i) A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, ou seja, quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que poderia ter acontecido em qualquer outro local; (ii) A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam às violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam; (iii) A violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou raciais ...).

Além disso, denominam-se violência escolar todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações e discriminações praticados por, e entre, a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) dentro do ambiente escolar (PRIOTTO; BONETI, 2009). Sendo assim, para os autores, a violência escolar pode ser entendida como uma construção social, que se dá em meio a

interações entre sujeitos dentro do espaço escolar. Especificamente, a violência contra o professor é:

Toda forma de agressão física ou moral, provocada por alunos, pais de alunos e a própria instituição, no ambiente escolar, causando danos à integridade física e moral dos professores. Essa agressão é deflagrada a partir de situações do próprio ambiente escolar, caracterizando principalmente situações da dinâmica da sala de aula, como chamar atenção de alunos, atribuir nota baixa, reprovação, entre outros. E, ainda, por situações que envolvem assédio moral e desvalorização profissional dos docentes (SOARES, 2013, p. 32).

Portanto, vê-se, assim, que a violência está presente no cotidiano escolar e não apenas como uma violência simbólica, mas, principalmente, como uma violência real. Existe uma dinâmica da violência real que também se apresenta nas escolas, sendo que essas, na maioria das vezes, não se vinculam aos grandes atos, ou sejam a face mais perigosa está nas pequenas ocorrências do cotidiano. Nas escolas, isso pode ser traduzido, segundo Teixeira e Porto (2004, p. 117), pelos relacionamentos conturbados entre os alunos, pelas agressões e transgressões ao ambiente físico, pelas brincadeiras estabelecidas, pelas palavras “malditas” e pelo relacionamento professor-aluno.

Schilling (2004) apresenta uma visão interessante para reflexões: a escola entra no debate contemporâneo sobre a violência, ora como vítima da violência externa, ora como algoz, quando vista como uma instituição com sua cota própria de violência. Assim, a escola também produz suas violências específicas. Então, ela é lugar da reprodução das desigualdades sociais, de gênero, da pobreza e da exclusão, tendo, portanto, sua cota de violências socioeconômicas (SCHILLING, 2004). Quando à resolução da violência no ambiente escolar, Rosa (2010) considera que isso requer a participação efetiva de toda a comunidade escolar (professores, alunos, gestores, família e sociedade). Assim, nada será resolvido de forma isolada.

Para Gramsci (1989), é urgente repensar o espaço da escola, sendo que o professor deve assumir nessa nova conjuntura novas formas para poder dialogar com os alunos, sendo a escola um lugar de mudança, educação e emancipação. E a disciplina deve ser assumida como um elo entre professor e aluno. Segundo Schilling (2004, p. 69), “a educação, materializada na escola, é um dos direitos humanos fundamentais para a

realização de uma série de outros direitos humanos.” Então, a escola, por sua vez, como instituição, organiza-se para garantir a aprendizagem de todos e para promover a democracia e a justiça. Contribuindo nesse sentido, Silva e Salles (2010) consideram que a escola continua a ser o lugar em que se concentra uma parte fundamental do saber, onde se pode normalmente ouvir que há um “saber do saber”.

É necessário que as políticas públicas de formação de profissionais da educação criem possibilidades reais de enfrentamento dos males crônicos pelos quais passa a escola brasileira, em todos os níveis e graus de ensino, especialmente no que diz respeito à formação de professores conscientes e preparados para o trabalho está exigindo, mais do que nunca, atitudes, valores e habilidades necessárias para a criação, no cenário escolar, de uma nova ordem cimentada no amor, nas relações respeitadas, no prazer de ensinar e de aprender, na aceitação da diferença, na valorização da diversidade, na abertura para a compreensão das práticas simbólicas (TEIXEIRA; PORTO, 2004, p. 45).

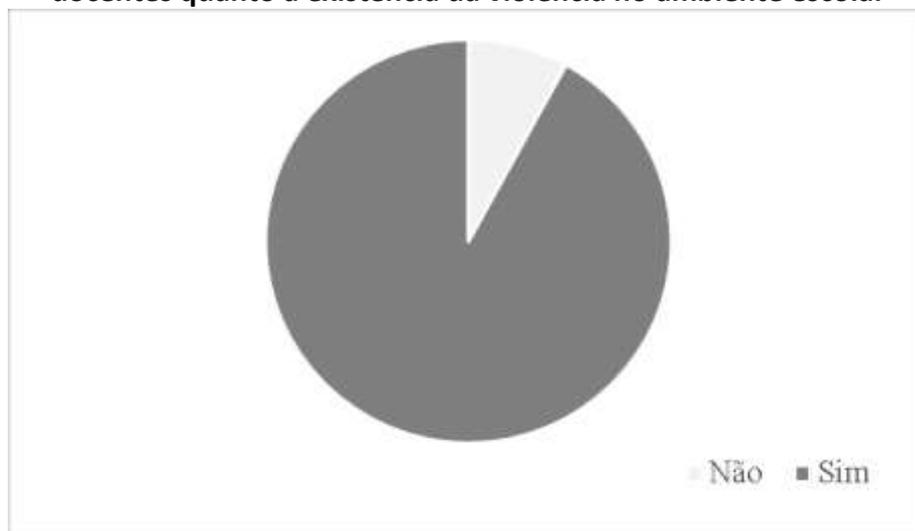
Para Pereira e Willians (2010, p. 47) a escola é fundamental para o pleno desenvolvimento do indivíduo, “devendo ser um dos contextos sociais que estimule as habilidades intelectuais, as habilidades sociais e a absorção crítica dos conhecimentos produzidos em nossa sociedade”. Então, “a escola deve ser importante no tempo presente e no tempo futuro, sendo referência para o aluno de um local seguro, prazeroso e no qual ele pode se conhecer, conhecer aos seus próximos e a sociedade em que vive” (PEREIRA; WILLIANS, 2010, p. 47). Na sequência, apresentam-se os resultados acerca da violência contra o docente em uma escola estadual de ensino fundamental na pequena cidade de Leopólis a partir dos próprios docentes.

Violência contra o docente na escola estadual de ensino fundamental de Leopólis (PR)

As análises e figuras nesta parte enfocam os dados sobre a violência na escola estudada em Leopólis a partir dos docentes. A Figura 2 demonstra os dados acerca da percepção dos docentes quanto a existência da violência no ambiente escolar na escola estadual de ensino fundamental estudada na pequena cidade de Leopólis e a Figura 3

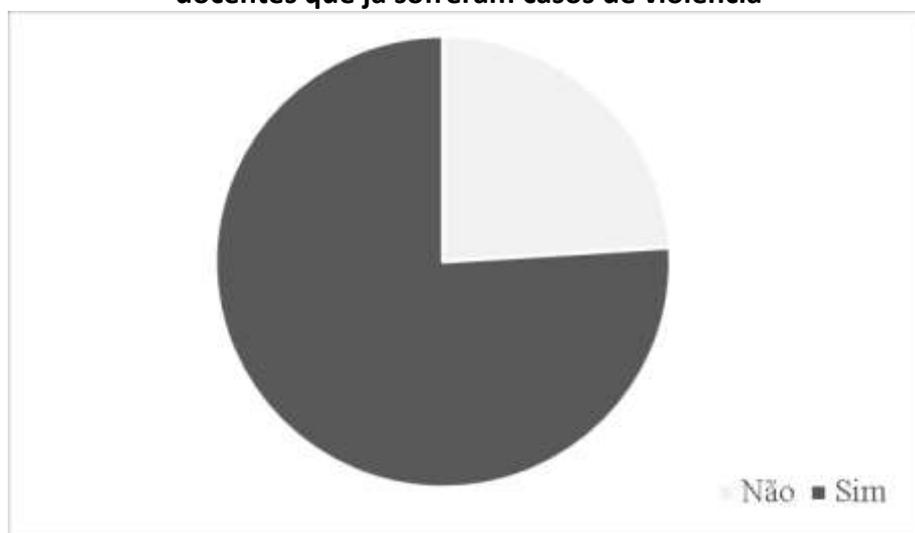
aborda a proporção de docentes que já sofreram alguma ocorrência de violência dentro da escola estadual de ensino fundamental estudada.

Figura 2. Leópolis (PR). Escola Estadual de Ensino Fundamental. Percepção dos docentes quanto à existência da violência no ambiente escolar



Fonte: Trabalho empírico – 2016

Figura 3. Leópolis (PR). Escola Estadual de Ensino Fundamental. Proporção de docentes que já sofreram casos de violência

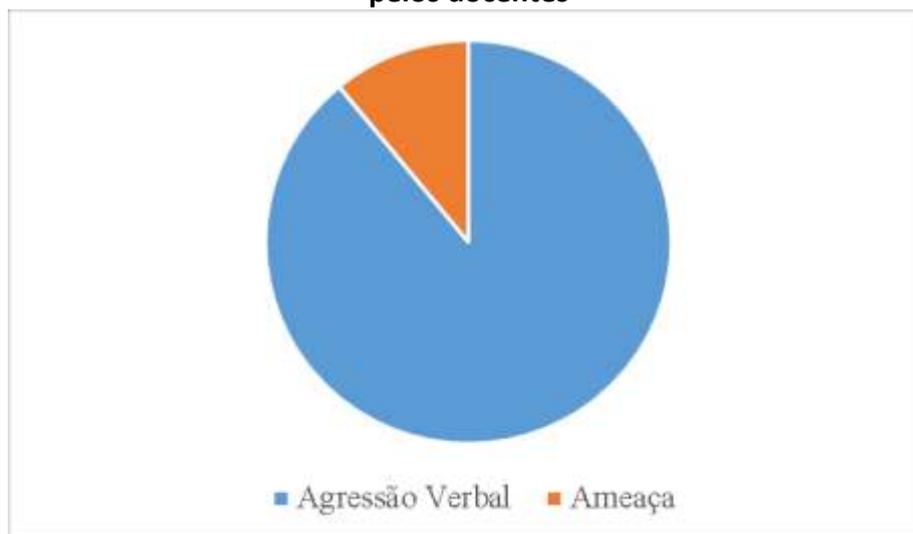


Fonte: Trabalho empírico – 2016

Para 92% dos docentes existe violência no ambiente escolar e para 8% ela não existe. Nesse caso, a percepção dos docentes demonstra claramente que a violência está presente no cotidiano dessa comunidade escolar. Comparando com os dados de casos concretos de violência, enfrentados pelos docentes, pode-se perceber que 76% do total

dos docentes já sofreram violência na escola pesquisada. É um resultado alarmante. Em contrapartida, 24% dos docentes não sofreram nenhuma violência no local. A Figura 4 apresenta as tipologias de violências enfrentadas pelos docentes da escola estadual de ensino fundamental de Leópolis pesquisada.

Figura 4. Leópolis (PR). Escola Estadual de Ensino Fundamental. Violências sofridas pelos docentes



Fonte: Trabalho empírico – 2016

É importante ressaltar que não foram dadas opções de respostas, deixando os docentes livres nas respostas. Assim, duas violências foram pontuadas nas respostas: agressão verbal, citada por 89% dos professores, e a ameaça, considerada por 11% dos docentes.

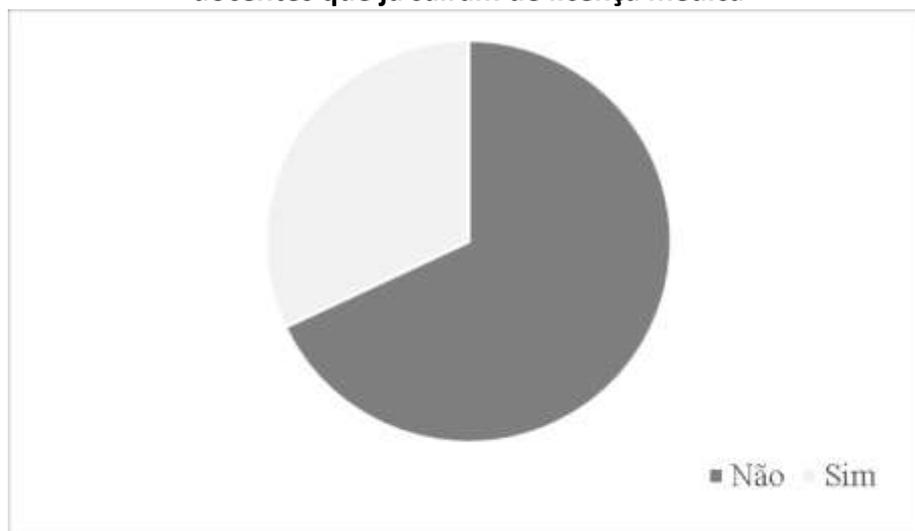
Os dados seguintes tentam encontrar os principais agressores dos professores na escola estadual de ensino fundamental de Leópolis pesquisada. Efetivamente, todos acabam participando dessa sociedade violenta, ou seja, colegas de trabalho (servidores da escola), pais e responsáveis pelos alunos, além do próprio aluno. Na escola estudada, 24% dos docentes responderam que já sofreram violência praticada por pais ou responsáveis pelos alunos. Apesar de ser a minoria, tem-se um patamar de quase um a cada quatro docentes que já enfrentaram ocorrências de violência praticada por esse segmento da comunidade escolar. Já acerca dos tipos dessas violências praticadas pelos pais ou responsáveis pelos alunos, os resultados apareceram equiparados: 50% das

violências foram de agressões verbais e 50% foram ameaças. O patamar de ameaças é inaceitável, ainda mais em uma cidade pequena em que se sabe o local de residência dos docentes e as práticas cotidianas. Portanto, para os docentes residentes na pequena cidade, as ameaças acabam gerando um desdobramento gravíssimo que é a insegurança objetiva.

Quanto aos demais servidores da escola, os dados mostram que 8% dos docentes entrevistados afirmaram que já sofreram violência praticada por outro docente ou servidor da escola de ensino fundamental pesquisada. Entre os docentes que vivenciaram uma ocorrência de violência dentro da escola pesquisada praticada por outro docente ou servidor da mesma escola, todos (100%) afirmaram que a violência ocorrida foi “agressão verbal”. Por isso, questionou-se aos docentes sobre a existência de conflitos entre os servidores da escola pesquisada, especialmente entre docentes e entre docentes e a equipe pedagógica. Os dados demonstram que 24% dos docentes responderam que existem conflitos entre os servidores da escola. Entre o grupo de professores que afirmaram a ocorrência de conflitos entre os servidores, a totalidade pontuou que o principal motivo para os conflitos é a “falta de companheirismo entre os colegas de trabalho”. Logo, dialoga diretamente com Lopes (2008) quando ele destaca que a violência contribui para a configuração de uma ‘paisagem’ marcada por sentimento de insegurança e desconfiança no outro.

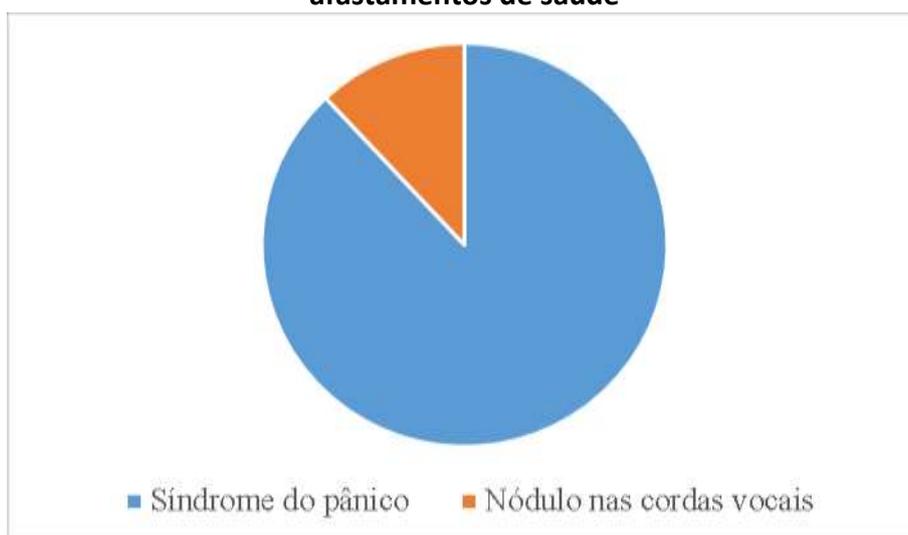
Por fim, os dados seguintes destacam informações sobre as consequências das violências enfrentadas pelos docentes da escola pública estadual estudada em Leópolis. A Figura 5 apresenta informações sobre a proporção de docentes que já saíram de licença e a Figura 6 demonstra os motivos que levaram os docentes da escola estadual de ensino fundamental em Leópolis pesquisada a solicitarem esse afastamento médico. Os dados demonstraram que 32% dos professores já saíram de licença médica na escola de ensino fundamental pesquisada. Entre os professores que pediram afastamento, os motivos citados foram: síndrome do pânico e nódulos nas cordas vocais.

Figura 5. Leópolis (PR). Escola Estadual de Ensino Fundamental. Proporção de docentes que já saíram de licença médica



Fonte: Trabalho empírico – 2016

Figura 6. Leópolis (PR). Escola Estadual de Ensino Fundamental. Motivos para os afastamentos de saúde



Fonte: Trabalho empírico – 2016

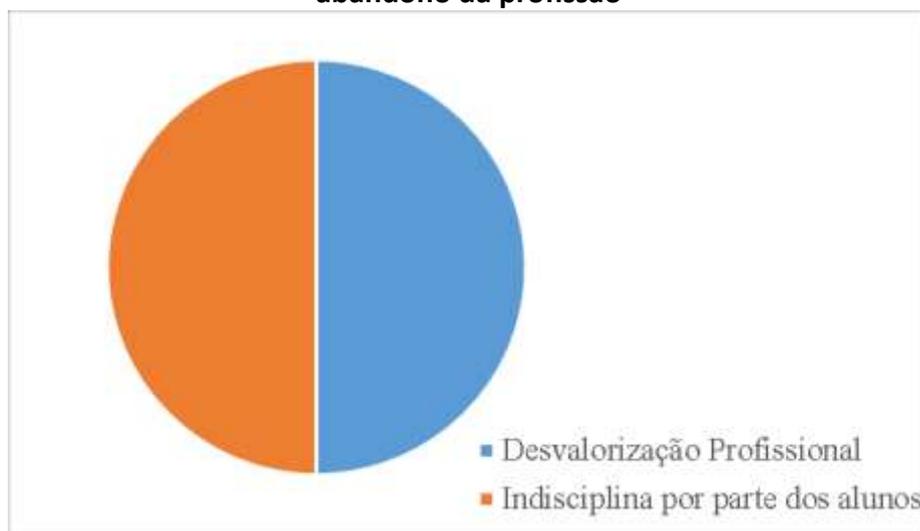
Os dados apresentaram que 88% saíram por “síndrome do pânico” e 12% por “nódulos nas cordas vocais”. Portanto, os afastamentos médicos têm mais relação com o ambiente – violência e estresse – do que com a saúde do docente. Aqueles que saíram de licença médica, por motivo da síndrome do pânico, estão ligados ao fenômeno da violência, ou seja, a solicitação médica tem relação com ter passado por alguma situação violenta e de incômodo no ambiente escolar.

Isso dialoga com Costa (2013) que pontuou que o aumento da violência contra o docente resulta em comprometimento da sua saúde emocional. Logo, a violência contra o docente é tomada como objeto de “representação social”, uma vez que mexe com o cotidiano e a intimidade das pessoas, como destacaram Soares e Machado (2013).

Alguns respondentes pontuaram, de forma espontânea, que esse pânico tem relação com um sentimento de depressão e/ou de tristeza profunda – desânimo. Por consequência disso, 16% dos docentes da escola estadual de ensino fundamental pesquisada já pensaram em abandonar a profissão, muitas vezes, por falta de apoio da sociedade e do Poder Público. Portanto, como Silva (2010) indica com propriedade, a sociedade deve valorizar a profissão do educador e apoiar os professores quando eles se sentirem agredidos.

É fundamental tentar aprofundar esses valores, pois como já abordado anteriormente, influenciam no ensino e aprendizagem e na própria saúde do professor. Para isso, a Figura 7 demonstra os motivos apresentados pelos docentes que já pensaram em abandonar a carreira docente na escola estadual de ensino fundamental pesquisa em Leópolis. Apenas dois motivos foram citados pelos professores: “desvalorização profissional” e “indisciplina por parte dos alunos”, sendo que cada motivação concentrou metade das respostas: 50% cada.

Figura 7. Leópolis (PR). Escola Estadual de Ensino Fundamental. Motivações para o abandono da profissão



Fonte: Trabalho empírico – 2016

A desvalorização profissional engloba plano de carreira e políticas públicas estaduais para o professor, como capacitação e disponibilidade de infraestrutura mínima para o ensino. A segunda resposta cabe diretamente neste artigo: o comportamento dos alunos, que muitas vezes são violentos e acabam ameaçando professores, agredindo (fisicamente e verbalmente), entre outras violências.

O trabalho empírico foi baseado em uma escola estadual de ensino fundamental que no município de Leópolis, interior do Estado do Paraná. Com base nos estudos e análises realizadas dos dados obtidos por meio do questionário aplicados em todos os docentes da referida escola, constatou-se que os docentes têm consciência das violências enfrentadas diariamente na escola. Por meio dos questionários pode-se perceber que a maioria dos docentes entrevistados sofreu com a violência escolar. Durante as entrevistas, pode-se perceber que muitos docentes afastados da sala de aula estão removidos para outras funções internas, especialmente por estarem em estado de síndrome do pânico e não quererem voltar para as salas de aula.

Considerações finais

A violência é um tema complexo, relevante e recorrente na imprensa, nas políticas públicas dos governos, na universidade e na sociedade. No entanto, esse fenômeno associado aos docentes ainda merece mais atenção. Além disso, estudar o fenômeno em pequenas cidades é uma raridade. A Geografia da Violência, uma nova ramificação da Ciência Geográfica, e a Educação e o Ensino, precisam colocar mais luz nessa temática.

Esta pesquisa objetivou compreender as representações sociais da violência contra o professor em um espaço escolar estadual de Leópolis, no Norte do estado do Paraná. A violência escolar contra o docente é um problema que atinge as instituições escolares de diversos países, inclusive as brasileiras, e deve ser estudado de forma aprofundada, visto que a escola é local privilegiado de aprendizagem e de socialização.

Vale ressaltar que por meio dos questionários percebeu-se um aumento quantitativo da violência na escola, sendo não está restrita somente entre alunos contra os docentes, mas ela acontece também entre os docentes e os servidores da escola, bem como os docentes também sofrem violência praticada por pais e responsáveis desses alunos. Portanto, partindo desse exposto da análise dos dados das entrevistas com os docentes, percebeu-se que dos tipos violências sofridas, em primeiro lugar, está à agressão verbal e, em seguida, às ameaças. É importante lembrar que baseado em diversos autores, contemplados no decorrer da investigação, o conceito de violência contra o professor se refere a toda forma de agressão física ou moral, provocada por alunos, pais de alunos e a própria instituição, dentro do ambiente escolar, causando danos à integridade física e moral dos professores.

Em Leópolis, a violência parece ser uma realidade no ambiente escolar. No caso específico de pequenas cidades, ameaças são potencializadas pelo grau de pessoalização e, principalmente, por fácil identificação do local de moradia e das práticas cotidianas (como locais frequentados e horários rotineiros) dos moradores.

Foi possível constatar também que a maioria dos docentes que saíram de licença médica alegou ser por motivo de síndrome do pânico, reflexo da violência e da indisciplina por parte de alunos. Então, o problema é mais social do que de enfermidade do docente, exigindo mais políticas públicas.

Portanto, a partir das análises e discussões realizadas pode-se concluir que a violência escolar é uma realidade que não deve ser mais negligenciada; é de suma importância que as autoridades públicas, educadores, família e sociedade estejam unidos para enfrentar as situações de violência inserida na escola, que deixou de ser um espaço seguro de socialização e trocas de conhecimentos, para se tornar “palco” de inúmeras cenas de violências.

Referências

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2002.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Revista Sociologias**, Porto Alegre/RS, n.8, jul./dez, 2002.

COSTA, C. R. C. A hora da Violência contra o Docente nas Escolas particulares de Minas Gerais: uma abordagem espacial exploratória. **X ENANPEGE** - Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia, Campinas, 2013.

FERNANDES, P. H. C. **Um espectro ronda as pequenas cidades**: o aumento da violência e da insegurança objetiva. 2017. 525 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá, Maringá (PR), 2017

GRAMSCI, A. A organização da escola e da cultura. In: _____. **Os intelectuais e a Organização da Cultura**. 7ª ed. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1989. P. 117 – 139.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados_do_censo2010.php> acesso em: 3 mar. 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Divisão Regional**. 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_div_int.shtm> acesso em: 10 mar. de 2018.

IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Cadernos municipais**: Leópolis. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=86330&btOk=ok>> acesso em: 30 abr. de 2018.

LEVANDOSKI, G.; OGG, F.; CARDOSO, F. L.. Violência contra professores de educação física no ensino público do estado do Paraná. **Motriz**: Revista de Educação Física (Online), v. 17, p. 374-383, 2011.

LEÓPOLIS, Prefeitura Municipal. **Leópolis**. 2018. Disponível em: <www.leopolis.pr.gov.br> acesso em: 30 abr. de 2018.

LOPES, C. S. A violência nas escolas de Maringá, Estado do Paraná. **Acta Sci. Human Soc. Sci.**, Maringá, v. 30, n. 1, p. 35-44, 2008

LOPES, C. S. **A violência no espaço escolar e a relação professor-aluno**. UEM, Maringá. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, 2001.

LOPES C. S.; GASPARIN, J. L. Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente. **Acta Sci. Human Soc. Sci.**, Maringá, v. 25, n. 2, p. 295-304, 2003.

PEREIRA, A. C. S; WILLIAMS, L. C. A. **Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente**. Laboratório de Análise e Prevenção da Violência: Temas em Psicologia - 2010 Vol. 18, no 1, 45 – 55 - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2010.

PEREIRA, B. O., **Para uma escola sem violência** – estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Lisboa: Dinalivro, 2002.

PRIOTTO, E. P; BONETI, L. W. Violência Escolar: na escola, da escola e contra a escola. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-179, jan./abr. 2009.

SCHILLING, F. **A sociedade da insegurança e a violência na escola**. São Paulo: Moderna, 2004.

SILVA, J. M. A. P; SALLES, L. M. F. **Jovens, violência e escola**: um desafio contemporâneo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SILVA, R. C. S. **Violência contra o professor**: efeitos devastadores. 2010. Encontro de Formação de Professores da Universidade Trindade.

SOARES, M. B. **Representações sociais de violência contra professores na escola**. 2013. 179 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco: UFPE, 2013.

SOARES, M. B; MACHADO, L. B. Violência contra o professor nas representações sociais de docentes. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 32, n. 1, 333-354, jan./abr. 2014.

SOARES, M. B; MACHADO, L. B. Violência contra o Professor: sentidos compartilhados e práticas Docentes frente ao fenômeno. **36ª Reunião Nacional da ANPEd**. Goiânia-GO.

SODRÉ, C. M. O. Violência no espaço escolar. **Revista Eventos Pedagógicos**, v.3, n.2, p. 315 - 327, Maio - Jul.2012.

TEIXEIRA, M. C. S; PORTO, M. R. S. **Imaginário do medo e cultura da violência na escola**. Niterói: Intertexto, 2004.

Pedro Henrique Carnevalli Fernandes – Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor Adjunto do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Câmpus de Cornélio Procópio (PR). Coordenador Geral de Processos Seletivos (CPS) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Editor Assistente da Revista Geoinfó e da Revista Reppe. Coordenador do Grupo de Pesquisa GEPEq - Grupo de Estudos sobre Pequenas Cidades. Vice-presidente do Conselho Municipal sobre Drogas de Cornélio Procópio. Os principais temas de estudo são: violência, insegurança objetiva e sociabilidade, sobretudo no recorte espacial das pequenas cidades.

Patrícia Aparecida Albini Prado – Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná

Recebido para publicação em 23 de Agosto de 2020.

Aceito para publicação em 22 de Dezembro de 2020.

Publicado em 01 de Fevereiro de 2021.